



Jornalismo, estigmas sociais e periferia: as fronteiras internacionais do Brasil como narrativas de conflito nas revistas *Época* e *Isto É*¹

Tabita Strassburger²

Ada Cristina Machado Silveira³

Universidade Federal de Santa Maria, RS

Resumo

O referido trabalho⁴ pretende refletir sobre as narrativas de conflito acerca das fronteiras internacionais do Brasil, em matérias presentes nas revistas *Época*⁵ e *Isto É*⁶. Munido-se de hipóteses como a do agendamento e fazendo uso da metodologia de análise de conteúdo, esse artigo espera demonstrar como as mídias citadas trabalham a questão fronteiriça e sua configuração tomada como periferia nacional. A partir da situação do Brasil como um país de expressivas fronteiras internacionais e de toda conjuntura que se delineia em torno desse fato, é imperioso estudar o modo como é realizada a cobertura de distintas notícias veiculadas à questão. Desse modo, espera-se fazer compreender a agenda dos jornalistas e da mídia que eles representam, bem como, os impactos que causa nas populações de áreas fronteiriças.

Palavras-chave

Jornalismo; Fronteiras internacionais; Agendamento; Periferia; Estigmas sociais.

1- Configuração fronteiriça do país: identidades, representações sociais e estigmas

Os processos globalizantes têm reconfigurado tudo o que antes parecia definido e fixo. Pode-se citar nesse sentido as representações, as identidades e as fronteiras. Nem uma dessas três instâncias pode ser pensada como algo estável e perene. Muito pelo contrário, são conceitos discutidos à exaustão e ainda mantidos em aberto, segundo inúmeros autores.

No que se refere às identidades, Bauman (2005) e Hall (2006) apontam para a incipiência das formulações relativas ao tema. Mesmo assinalando a complexidade do fenômeno, admitem que as conclusões já apresentadas ainda são recentes e ambíguas. O que se pode visualizar, simplificando, é que identidades são fragmentos em construção.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Área Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Acadêmica do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria (tabita.strassburger@gmail.com).

³ Doutora em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona, Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação, Programas de Pós-graduação em Comunicação e em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (ada.machado@pq.cnpq.br).

⁴ Resultante da pesquisa desenvolvida de maio a dezembro de 2008, através de projeto financiado pelo Edital Universal do CNPq-2007 (período de atuação da acadêmica em situação de bolsista).

⁵ Revista semanal, editada por Globo e vigente desde 1998.

⁶ Revista semanal, editada por Três e vigente desde 1976.



A chamada “modernidade líquida”, apresentada por Bauman, diz respeito a um sistema complexo de mudanças que desloca identidades, antes tidas como sólidas. A fluidez dessas identidades é evidenciada pelo autor e assinala uma característica da contemporaneidade:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p. 17)

Essa situação aparece e é vivenciada ainda mais na região fronteiriça, onde se mesclam culturas, relações, identidades e todo tipo de experiências. Ao mesmo tempo em que se pertence a uma nação, se está tão distante de seu centro e tão próximo do país vizinho. É na região da fronteira que esses sentimentos de pertencimento e identidades se mostram com maior intensidade, principalmente devido ao hibridismo.

Las fronteras son espacios de condensación de procesos socioculturales. Esas interfases tangibles de los Estados nacionales unen y separan de modos diversos, tanto em términos materiales como simbólicos. Hay fronteras que solo figuran en mapas y otras que tienen muros de acero, fronteras donde la nacionalidad es una noción difusa y otras donde constituye la categoría central de identificación e interacción. (GRIMSON, 2000, p. 3)⁷

Em uma realidade dividida entre o “fazer parte de uma nação” e o “não se sentir parte dela”, ou o “sentir-se parte da nação vizinha”, é ímpar estudar as questões de fragmentações e desmantelamentos identitários. Importante ainda para tentar entender como a população da fronteira lida com a questão de ter tão próximas uma cultura que é do seu país, uma que é do país que está ao lado e uma que é a sua própria, a fronteiriça.

Na conjuntura que vem sendo delineada nessa pesquisa, o conceito mais plausível para fronteiras é o apontado por Silveira (2007, p.2) ao afirmar que “culturalmente, as fronteiras podem ser entendidas como membranas através das quais as pessoas, bens e informações podem circular e podendo ser aceitas ou não pelo estado”. Dessa forma, fica evidente que as fronteiras, muito antes de serem uma simples

⁷ “As fronteiras são espaços de condensação de processos socioculturais. Essas interfaces tangíveis dos Estados nacionais unem e separam de modos diversos, tanto em termos materiais como simbólicos. Há fronteiras que só figuran em mapas e outras que têm muros de aço, fronteiras onde a nacionalidade é uma noção difusa e outras onde constitui a categoria central da identificação e interação” (tradução nossa).



linha divisória, são espaços de troca e compartilhamento de valores distintos – materiais, pessoais, afetivos, éticos, jurídicos, entre outros.

Um local naturalmente híbrido, onde as mais variadas culturas se encontram, um meio onde afloram as mais diversas identidades e, portanto, de uma riqueza infindável de conhecimentos e conteúdos. Assim, poderiam ser descritas as regiões de fronteira do Brasil como fontes inesgotáveis de culturas e saberes. No entanto, o que a mídia analisada retrata não aparece sob esse enfoque. Para interpretar essa abordagem, torna-se fundamental nesse momento trazer o conceito de representações sociais.

Desenvolvida por Serge Moscovici em 1961, a Teoria das Representações Sociais se apresenta como um fenômeno típico das sociedades contemporâneas. Devido ao ritmo acelerado dos acontecimentos, não há tempo para que as representações se configurem como tradição. O fenômeno das representações sociais pode ser visto como “uma forma de pensamento social que inclui as informações, experiências, conhecimentos e modelos que, recebidos e transmitidos pelas tradições, pela educação e pela comunicação social, circulam na sociedade” (PAVARINO, 2004, p. 131).

De modo simplificado, as representações sociais podem ser vistas como mediadoras entre o conceito e sua percepção. De acordo com Moscovici *apud* Soares (2007), o propósito das representações sociais estaria no transformar a não-familiaridade em algo familiar.

Nessa direção, mostra-se a importância das representações sociais para o presente artigo. Segundo Moscovici, as comunicações interpessoais da vida cotidiana seriam como geradoras dos conceitos e explicações das representações sociais, aproximando o que é estranho, familiarizando. Mais ou menos nesse ponto é que a mídia toma lugar, quando familiariza o estranho – ou pelo menos alega que o está fazendo.

Quando a mídia apresenta a problemática das fronteiras, está em busca de uma suposta familiaridade, de uma dita aproximação. Através de seus suportes, a mídia tenta apresentar aos que vivem em realidades distintas (por exemplo, na área litorânea ou no centro do país), a fronteira como algo familiar.

Uma hipótese seria pensar que talvez essa tentativa de proximidade seja a razão para que a abordagem das notícias de fronteira se configure sempre do mesmo modo. A mídia poderia, a partir de um mesmo viés de cobertura, criar nas audiências um referencial estanque, configurando assim uma agenda de temas limitados e definidos.



No entanto, essa postura da mídia causa uma cristalização dos conceitos referentes às fronteiras. Através de abordagem homogênea, coloca-se a questão de forma simplista, sem mensurar a extrema complexidade que a temática fronteira traz consigo.

O que poderia se configurar como desinteresse ou despreparo dos jornalistas acaba resultando na estigmatização, tanto das fronteiras quanto daqueles que pertencem a essas regiões. Afirma-se isso a partir do conceito e da admoestação de que: “o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos” (GOFFMAN, 1988, p.13).

Durante a pesquisa, pôde-se confirmar que realmente a abordagem da mídia analisada é feita pelo viés do comum, através da narrativa do estigma. As informações são apresentadas com ênfase para a marca da fronteira como região de conflito. Tal afirmação é perceptível nas notícias através de seus títulos, discurso verbal e imagens iconográficas.

2- As fronteiras internacionais e o agendamento de seus conflitos

Mantendo divisas internacionais em onze estados e com dez países, o Brasil configura-se como um país de fronteiras extremamente significativas. Em toda sua extensão, possui nove pontos de confluência entre três países, as consagradas tríplexes-fronteiras internacionais⁸.

Soma-se a isso, o fato de que parcela expressiva do território brasileiro faz parte da chamada faixa de fronteira. De acordo com a legislação vigente, esse espaço é considerado “área indispensável à segurança do território nacional”. A Constituição determina que 150 km de área interna e paralela à divisão terrestre do território deve ser destinada ao país para defesa, controle, monitoramento e desenvolvimento⁹.

A Secretária de Acompanhamento e Estudos Institucionais apresentou dados¹⁰, segundo os quais o número de municípios brasileiros situados na faixa de fronteira é de 588. Sendo que desse total, 32% estão no Rio Grande do Sul. Convém ressaltar que o

⁸ Os pontos de tríplexes-fronteiras são: 1) Brasil – Argentina – Uruguai; 2) Brasil – Argentina – Paraguai; 3) Brasil – Bolívia – Paraguai; 4) Brasil – Bolívia – Peru; 5) Brasil – Peru – Colômbia; 6) Brasil – Venezuela – Colômbia; 7) Brasil – Venezuela – Guiana; 8) Brasil – Guiana – Suriname; 9) Brasil – Suriname – Guiana Francesa.

⁹ Tem-se uma explicação detalhada da lei que determinou a área de fronteira, bem como das modificações que sofreu até chegar à configuração apresentada atualmente, em SILVEIRA, Ada Cristina Machado; FREITAS, Guilherme Pereira; ADAMCZUK, Lindamir. Comunicação e faixa de fronteira, 2002.

¹⁰ No “Seminário Cone Sul, México e Estados Unidos: discutindo fronteiras e segurança nacional”. Disponível em: <https://sistema.planalto.gov.br/siseventos/fronteirasegnac/exec/index.html>



estado corresponde a 3,32% do território nacional. Isso significa que, dos 467 municípios gaúchos, 182 estão situados nessa área¹¹.

A situação de limítrofe faz parte da realidade do Rio Grande do Sul, pois 39% do seu território está situado em faixa de fronteira. Considerando esse e outros aspectos já mencionados, torna-se imprescindível estudar a cobertura referente à questão das fronteiras internacionais do Brasil tomadas como periferias nacionais. Dessa forma, possibilitando a reflexão sobre o tipo de abordagem realizada pela mídia a respeito dessa temática, bem como os impactos que causam nas populações fronteiriças.

Com base em estudos anteriores, percebeu-se que as regiões de fronteira são retratadas como experiências de um imaginário de guerra, ausência do estado e estigmas sociais. Nessa direção, buscou-se aporte teórico na hipótese do agendamento para tentar compreender as razões que levam a mídia a eleger esse tipo de abordagem como preponderante.

De acordo com Shaw *apud* Wolf (2005, p. 130), a hipótese do agendamento vem proferir que

em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir aquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mas media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas.

Explanando de maneira breve e sistêmica, pode-se dizer que o agendamento é feito de acordo com determinado recorte. A partir da atitude dos jornalistas e da mídia de enquadrar certos assuntos e não outros, certos enfoques e não outros. Dessa forma é que se constrói a agenda, destacando determinadas características de uma temática em detrimento de outras.

Nesse aspecto, são evidentes os contornos que esse agendamento toma nas duas revistas analisadas. A narrativa jornalística das publicações se volta a uma agenda de tensões e conflitos, tratados como recorrentes na região fronteiriça.

Posto isso, é necessário refletir sobre as possíveis consequências que tal abordagem pode causar na sociedade fronteiriça e a impressão que fica nos leitores de localidades não-fronteiriças com relação a essas regiões e às pessoas que nelas vivem.

¹¹ Ver cartograma no site do IBGE: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartogramas/ff_brasil.html



Quanto à influência da mídia no receptor, Hohlfeldt (2001, p. 193) expõe que

dependendo da mídia, sofremos sua influência, não a curto, mas a médio e longo prazos, não nos impondo determinados conceitos, mas incluindo em nossas preocupações certos temas que, de outro modo, não chegariam a nosso conhecimento e, muito menos, tornar-se-iam temas de nossa agenda.

Para elucidar a exposição do autor, convém apresentar um exemplo percebido nas duas publicações. Durante todo o ano, as edições trouxeram dados referentes à homologação da Reserva Raposa Serra do Sol. As informações geralmente vinham no formato de notas, para reacender o imaginário do leitor com relação ao que estava para ser decidido.

Na primeira publicação de setembro, as duas revistas trouxeram o assunto em uma grande reportagem, recheada de fotos e informações¹². O que aconteceu depois foi que inúmeras notas voltaram a estampar as páginas das revistas. Sempre com um tom ameaçador, enfatizando que “o futuro do país dependia daquela determinação”, “que o Brasil estava nas mãos do Supremo Tribunal Federal”.

Um possível resultado para esse agendamento da mídia é que as pessoas começaram a realmente se importar com o que ocorria e passaram a acompanhar os processos que definiriam a situação. Talvez não por temerem ou por tomarem posição contrária a um e favorável a outro, mas por aquilo ser o que aparecia, o que estava sendo discutido. Casos assim alarmantes são comuns mesmo, mas principalmente nas revistas. A situação na região fronteira nem sempre é tão caótica como é retratada.

Geralmente, o que a mídia apresenta como atividades ilegais corriqueiras, com denotação de crimes recorrentes nas fronteiras, a população fronteira muitas vezes encara como normalidade, um ato comum a ser realizado cotidianamente. Faz parte das relações entre os “dois lados” esse transpor limites para realizar todos os tipos de trocas.

En las fronteras la tensión entre legalidad e ilegalidad es parte constitutiva de la vida cotidiana. Las transacciones comerciales entre las poblaciones son consideradas muchas veces como “contrabando” por los Estados mientras es la actividad más natural para la gente del lugar (GRIMSON, 2004, p. 3)¹³.

¹² A *Isto É* do dia 03 de setembro de 2008 trouxe na capa “ÍNDIOS CONTRA ARROZEIROS O futuro do Brasil depende dessa briga”. No interior o título era “Soberania nacional em risco”; De modo similar, a *Época* em 01 de setembro do mesmo ano apresentava “Fomos a Roraima ver o que está por trás da disputa na reserva Raposa-Serra do Sol”. No centro, tinha-se o título “O que está por trás da batalha da Raposa”.

Isto É: “ÍNDIOS CONTRA ARROZEIROS O futuro do Brasil depende dessa briga”.

¹³ “Nas fronteiras a tensão entre legalidade e ilegalidade é parte constitutiva da vida cotidiana. As transações comerciais entre as populações são consideradas muitas vezes como “contrabando” pelos Estados enquanto é a atividade mais natural para a gente do lugar” (tradução nossa).



Com isso se percebe que o que a mídia retrata como negativo, para o fronteiroço na maioria dos casos é visto como vantagem. As revistas analisadas agendam um olhar sobre as fronteiras que não correspondem à realidade local, pelo menos não totalmente. Afinal, sabe-se que nessas regiões há expressivas convergências culturais, devido à heterogeneidade dos povos ali existentes.

Não obstante, as notícias apresentam os mesmos aspectos repetidos, anulando toda questão social comum a qualquer localidade, quer seja fronteira, centro ou litoral. Assim, informações acerca da saúde, educação, cultura e modo de vida fronteiroços são excluídas da agenda da mídia. Talvez essa exclusão se dê em virtude de as empresas julgarem que tais notícias não venderiam, e como se sabe, a informação também é mercadoria e como tal, requer lucratividade.

3- A análise de conteúdo e alguns apontamentos relevantes

Durante o ano de 2008, a pesquisa levantou as informações¹⁴ referentes às fronteiras internacionais brasileiras presentes nas duas revistas explicitadas. Inicialmente, pensou-se em traçar um paralelo entre as publicações, apontando possíveis consonâncias e/ou divergências. No entanto, o que se percebe é que as duas tratam a temática fronteiroça de modo similar, como será explanado no decorrer desse tópico.

Para o presente artigo, optou-se pela análise de conteúdo por ser uma metodologia que admite tanto a análise quantitativa dos dados quanto a qualitativa. Conforme Lago e Benetti (2007), esse método propicia a contagem de frequências do conteúdo manifesto, e a avaliação do conteúdo latente partindo do sentido geral dos textos, do contexto em que esse sentido aparece, dos meios que o veicula e/ou dos públicos a que se destina. Segundo definição formulada por Bernard Berelson, em 1952, e presente em Fonseca Júnior (2006), propicia ainda a descrição objetiva, sistemática e quantitativa dos conteúdos a que se propõe a considerar.

De acordo com Lozano *apud* Fonseca Júnior (2006, p. 286) a técnica

é sistemática porque se baseia num conjunto de procedimentos que se aplicam da mesma forma a todo o conteúdo analisável. É também confiável – ou objetiva – porque permite que diferentes pessoas, aplicando em separado as mesmas categorias à mesma amostra de mensagens, possam chegar às mesmas conclusões.

¹⁴ Notas, notícias, matérias, reportagens, frases, editoriais, enfim, todo o material textual e icônico presente nas publicações. Nesse aspecto, optou-se por não trabalhar com a análise dos recursos icônicos nesse artigo, bem como, deixou-se para uma próxima oportunidade a editoria de cartas do leitor, por exigir um estudo diferenciado daquele que fora proposto inicialmente.



Outro fator que influenciou a adoção do método está nos apontamentos de Herscovitz (2007), que ao explicar sobre as propriedades da técnica faz alusão a aportes do Jornalismo utilizados por essa pesquisa. A autora aponta que dentre as características da análise de conteúdo está

detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros, e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para compreender o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas (HERSCOVITZ, 2007, p. 123).

Definidos os motivos que levaram a escolha do método e explicitadas algumas de suas especificidades, no momento convém partir para os dados concretos da pesquisa e os apontamentos relevantes obtidos através da análise minuciosa do que foi verificado.

A partir da seleção de textos, o *corpus* para esse artigo ficou constituído por um total de 43 matérias, sendo que 19 da revista *Época* e 24 da revista *Isto É*. Depois de catalogados os exemplares, sentiu-se a necessidade de visualizar a distribuição do tema estudado nas editorias das revistas analisadas para compreender a análise quantitativa.

Desse modo, pôde-se perceber que a cobertura da revista *Época* privilegiou a editoria “Primeiro Plano / Fala, Brasil”, em detrimento de outras, conforme a tabela a seguir. Cabe aqui ressaltar que a referida editoria tem informações com formato pequeno, sendo configurada por notas.

Tabela 1 – Distribuição por editorias do conteúdo de *Época* referente às fronteiras internacionais do Brasil

Editoria	Número de matérias
Brasil	1
Primeiro Plano / Fala, Brasil	7
Época Debate	3
Primeiro Plano / O Filtro	5
+ Lidas	1
Janela Indiscreta	1
Especial Turismo	1
Total	19



A partir da leitura dos dados presentes na tabela da página anterior, percebe-se que as editorias mais valorizadas se configuram por um apanhado de notas referentes a assuntos variados. As matérias mais consistentes, com informações mais densas, raramente aparecem. Quando estão na revista seguem o exemplo da editoria “Época Debate”, na qual aparecem três reportagens em uma mesma edição (o exposto na tabela se configura um especial do dia 13/10/2008, Edição 543, sob o título “O futuro das Forças Armadas”) e pouca ou nenhuma reportagem nas edições que se seguem.

Já no caso da revista *Isto É*, as matérias são divididas contemplando mais homogeneamente as editorias. A “Brasil”, apresentando maior número de matérias, tem configuração de reportagem. Geralmente com duas páginas, pode variar de tamanho de acordo com o julgamento de relevância do assunto. Como se pode visualizar, a distribuição das editorias ocorre de modo mais uniforme nessa revista que naquela.

Tabela 2 – Distribuição por editorias do conteúdo de *Isto É* referente às fronteiras internacionais do Brasil

Editoria	Número de matérias
Brasil	6
Editorial	2
A Semana	5
Ricardo Boechat	4
Entrevista	1
Brasil Confidencial	4
Reportagem	1
Editorial	1
Total	24

A segunda editoria que mais traz a temática das fronteiras é a “A Semana”. Nessa, as informações são elaboradas através de notas e frases, praticamente o mesmo formato das editorias “Ricardo Boechat” e “Brasil Confidencial” (simplificando, pode-se dizer que essas três equivalem à “Primeiro Plano” da *Época*).

É importante enfatizar que o fato de as editorias terem um número uniforme de matérias não significa que a abordagem de uma seja diferente, melhor ou inferior à da encontrada na outra publicação analisada. Pelo contrário, as duas revistas, apesar de



distribuir as informações de forma diversa, abordam-nas de modo similar, quer seja, pelo viés do conflito.

No que tange à preferência das duas publicações em apresentar as notícias referentes às fronteiras principalmente através de notas, o que se percebe é um interesse em manter o leitor preso ao que está sendo lançado. Verifica-se que as informações vão sendo distribuídas espaçadamente durante as semanas. Inúmeros são os casos em que nada é acrescentado, apenas repete-se o que já foi publicado.

Tais posturas apontam para a manutenção de um imaginário de alerta do leitor. Quando um assunto já não é mais relevante para esse, uma nota surge e assinala para o que aparentemente ainda está em questão. Assim, constrói-se como que um sistema de alarme, que impede o leitor de se desvincular do assunto em foco.

No caso das fronteiras internacionais tomadas como periferias nacionais, o que se percebe é que esse sistema de alarme de imediato – e sempre – aponta para os aspectos negativos dessas localidades. O extremismo aponta inclusive, e principalmente, para um risco iminente à soberania brasileira perante os países vizinhos.

Nessa direção e seguindo os passos sugeridos por Fonseca Júnior (2006) para a análise de conteúdo, tem-se o processo de categorização, que consiste em classificar e reagrupar unidades de registro em algumas categorias. Partindo dos critérios de categorização organizados por Bardin¹⁵, e citados por Fonseca Júnior, optou-se pelo critério semântico, que se dá através da divisão em categorias temáticas.

Lago (2007, p. 132) diz que “quase tudo o que medimos na análise de conteúdo jornalístico são conceitos, ou seja, elementos abstratos que representam classes de fenômenos”. Isso posto, cabe seguir para a análise qualitativa, em que as matérias foram avaliadas e classificadas de acordo com semelhança dos temas.

Em um primeiro momento, observou-se quais os argumentos discursivos que as revistas utilizavam para fazer alusão às fronteiras. Na sequência, esses argumentos foram especificados entre si e agrupados entre os comuns. Também, optou-se em separar as revistas para melhor visualizar o apresentado por cada uma.

Para facilitar o entendimento do que são os argumentos discursivos e de como foram criadas as categorias semânticas, na sequência se coloca uma tabelas com esses dados. As duas publicações não apresentam muitas variáveis com relação às divisões estipuladas, por tanto, essas serão trabalhadas de forma conjunta.

¹⁵ Ver BARDIN, Laurene. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.



Tabela 1 – Categorização do conteúdo de *Época* e *Isto É*

Argumento discursivo	Número de matérias na <i>Época</i>	Número de matérias na <i>Isto É</i>
Fronteira – Ausência do Estado – Risco à soberania	5	9
Fronteira – Conflito entre índios e arroteiros	4	6
Fronteira – Ausência do Estado – Ilegalidades	4	3
Fronteira – Ausência do Estado – Migração de fronteiriços	2	1
Fronteira – Migração de fronteiriços – Ilegalidades – Risco à soberania	3	-
Fronteira – Ausência do Estado – Presença da Guerrilha	1	-
Fronteira – Países vizinhos – Dependências econômicas – Relações instáveis	-	3
Fronteira – Povos indígenas – Risco à soberania	-	2
Total	19	24

Como já era de se esperar, a partir do que foi apresentado até o momento, o argumento discursivo principal é o risco à soberania nacional. Mesmo quando não é o foco da notícia, a questão aparece de modo secundário.

Nesse sentido, a categoria “Fronteira – Ausência do Estado – Risco à soberania” diz respeito a todo tipo de matéria que traz a questão como mote primeiro. Enquadram-se nessa, informações como: problemas indígenas, desmatamento, atividades ligadas às Forças Armadas, movimento de povos fronteiriços, entre outros.

Já a “Fronteira – Conflito entre índios e arroteiros” trata diretamente da discussão sobre a homologação da reserva Raposa Serra do Sol. Apontando para as possíveis consequências sobre tal resolução, as revistas usam de aspectos extremamente negativos para debater o fato.

“Fronteira – Ausência do Estado – Ilegalidades” faz referência ao que já foi mencionado anteriormente, como os crimes de contrabando. Além disso, diz respeito a todo tipo de contravenção, facilitadas pela ausência populacional e de um controle do Estado.



Com relação à “Fronteira – Ausência do Estado – Migração de fronteiriços”, tem-se o processo de circulação dos povos de um país para o outro. Nem sempre esses casos são preocupantes, muitas vezes essa prática apenas envolve relações familiares instituídas entre países vizinhos. No entanto, as publicações apresentam o fato como um perigo iminente.

Como um desdobramento da anterior, “Fronteira – Migração de fronteiriços – Ilegalidades – Risco à soberania” aparece apenas em *Época*. Teve destaque por apresentar a questão de modo mais tenso e especificamente a partir do enfoque dos problemas.

Até mesmo a presença de guerrilhas comparadas às FARC foi apontada por *Época* e originou a categoria “Fronteira – Ausência do Estado – Presença da Guerrilha”.

No que se refere às relações internacionais, tem-se “Fronteira – Países vizinhos – Dependências econômicas – Relações instáveis”. Com o uso de perspectivas pessimistas, a *Isto É* retrata um clima de inconstância entre os vizinhos da América Latina. O exemplo mais recorrente foi o caso de Itaipu, com a eleição do Presidente Fernando Lugo.

Por fim, “Fronteira – Povos indígenas – Risco à soberania” traz a questão indígena desvinculada ao debate da reserva Raposa Serra do Sol. No caso, trata-se das discussões acerca da política indígena do governo.

Após apresentar todas as categorias, é pertinente relatar o observado com relação às fontes. Como característica predominante, percebe-se a valorização das fontes oficiais em detrimento das não-oficiais. Escolha frequente na mídia hegemônica, essas fontes “provêm sobretudo da estrutura do poder estabelecido e, por isso, as notícias tendem a apoiar o *status quo*” (TRAQUINA, 2005, p. 199). Nesse sentido, a predominância de fontes oficiais, pode colaborar com a manutenção de certos conceitos e do estigma relativo à região fronteira.

4- Considerações finais e pertinentes sobre a abordagem verificada na pesquisa

Ao fim do trabalho, constata-se que a abordagem das mídias analisadas é estanque e em nada contribui para a disseminação de conceito favorável às fronteiras. Pode-se afirmar que de modo geral as informações enfocam os conflitos existentes na região fronteira de modo simplista e acrítico. É verificável que a mídia também toma fatos que em outros locais seriam considerados corriqueiros e os apresenta como extraordinários e dignos de atenção e preocupação extremas.



O modo de abordagem utilizado retrata situações de imaginário de guerra, ausência do estado e estigmas sociais, a partir de uma narrativa jornalística de conflitos e tensões. As duas publicações verificadas apontam para um jornalismo com pouca iniciativa para causar um debate diferenciado sobre as fronteiras internacionais do país.

Quando a mídia anula a heterogeneidade dos povos fronteiriços e as convergências culturais ligadas ao espaço de fronteira, contribui para a construção de uma realidade parcial e por vezes errônea do que são realmente esses locais. Além disso, estimula uma visão depreciativa do centro para com a periferia, o que pode acarretar consequências imensuráveis para as relações entre ambos.

As matérias analisadas em geral são factuais, não apresentam sequer uma contextualização dos fatos, e abordam superficialmente o tema, tendo em vista a importância que apresenta. Enfim, enfatiza e legitima a fronteira como terra de ninguém, através do viés do estigma e do enfoque de tensão, desordem e abandono.

Essa visão maniqueísta presente na mídia, aponta para uma clara distinção entre o centro e a periferia. O primeiro como “superior” e a segunda como “problemática”.

Por fim, permanece a indagação acerca de tais abordagens e de como seria possível construir um diferencial. Sabe-se como a mídia reflete a questão trabalhada, no entanto, os porquês dessa escolha pelo estigma não ficam claros. Esse aspecto relacionado às razões da mídia apresentaria outras tantas hipóteses a serem verificadas.

Para um próximo momento, caberia refletir um modo de representar as fronteiras mais fidedigno, realçando não só seus aspectos negativos e contraditórios, mas também seu modo de viver em meio a tantas diferenças culturais e identitárias. Certamente uma abordagem nesse sentido também renderia benefícios, tanto para a mídia quanto, e principalmente, para as regiões fronteiriças.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1988.

GRIMSON, Alejandro. Pensar fronteras desde las fronteras. **Nueva Sociedad**, Venezuela, n. 170, p.1-5, dic. 2000.



HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERSCOVITZ, Heloiza. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (org.) **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org.) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAVARINO, Rosana Nantes. Teoria das representações sociais: pertinência para as pesquisas em comunicação de massa. **Comunicação e Espaço Público**, Brasília, Ano VII, nº 1 e 2, 2004.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. A identidade deteriorada. Jornalismo e estigmas sociais. In: XVI encontro Anual da Compós, 2007, Curitiba. **Anais do Encontro Anual da Compós**. Curitiba : UTP, 2007.

SOARES, Murilo César. Representações da cultura mediática: para a crítica de um conceito primordial. In: **COMPÓS**. Curitiba, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005. Vol. I.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4.ed. Lisboa: Presença, 1995.

Endereços eletrônicos:

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em 02.40.2009.

Secretária de Acompanhamento e Estudos Institucionais:
<http://www.planalto.gov.br/gsi/saei/> Acesso em 02.04.2009.